

# DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A HERMENÊUTICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS: UMA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA AOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES ENTRE OS GÊNEROS.

Márcia Maria da Silva Barreiros

*UNEB - Universidade do Estado da Bahia. Campus I- DCH.*

*E-mail: [mbarreiros@yahoo.com.br](mailto:mbarreiros@yahoo.com.br)*

## **Resumo expandido:**

O presente texto analisa as relações entre o discurso da história, a perspectiva da hermenêutica e a crítica sobre as relações de gênero na contemporaneidade, considerando possíveis diálogos. Em três momentos distintos, objetivamos refletir sobre: 1) a historiografia contemporânea e a escrita da história como objeto de revisão crítica; 2) a contribuição da hermenêutica para a reflexão acerca do conhecimento nas ciências humanas e, em particular, sobre as *identidades* de gênero; 3) as possíveis relações e intersecções entre os discursos da história, a hermenêutica e a crítica aos marcadores sociais que identificam os sujeitos. De um modo geral, as pesquisas que relacionam as reflexões sobre os gêneros nos seus processos de historicidade a partir do método da hermenêutica, revelam um grande esforço de renovação teórica e têm se constituído como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências silenciadas e excluídas. São estudos que refletem preocupações com o presente e com o projeto de modernidade instituído que, de modo intenso, trazem novos significados de subjetivações para determinados grupos sociais. Além da contribuição propriamente científica, o estudo de outras histórias embasa projetos políticos que visam ao *resgate* de variados sujeitos e atores, não mais abstratos e universais, e, conseqüentemente, das suas experiências e lutas, proporcionando assim, a construção de uma sociedade mais plural em identidades e cidadanias. Daí reside à importância da interpretação hermenêutica para as abordagens ligadas à nova história cultural e ao uso da categoria analítica gênero enquanto esquema de leitura dos fenômenos sociais.

Palavras chaves: história; gênero; hermenêutica; ciências humanas.

O presente texto analisa as relações entre o discurso da história, a perspectiva da hermenêutica e a crítica sobre as relações de gênero na contemporaneidade, considerando possíveis diálogos.

Na historiografia contemporânea, a leitura e a escrita da história vêm se constituindo objetos de constante revisão crítica. O conhecimento do passado através das novas técnicas e métodos e ancorado nos diferentes suportes documentais é uma contribuição direta da renovação dos estudos históricos processada no interior da disciplina a partir da escola francesa dos Annales no início do século XX.

Não obstante a inovação operada pelos europeus no campo mais técnico e metodológico da disciplina histórica, a discussão sobre a estrutura epistemológica da explicação em história e o problema do método ainda se constituem preocupações importantes, pelo menos para uma parte da comunidade acadêmica. Não raro, os filósofos, antropólogos, lingüistas e críticos da cultura, juntamente com os historiadores, num diálogo interdisciplinar, discutem caminhos para outras posturas metodológicas que dêem conta dos avanços ocorridos na sociedade, seja no campo tecnológico ou no campo intelectual e das ideias.

O método interpretativo da hermenêutica, assumindo a característica da reflexividade, se configura numa possibilidade crítica da modernidade. Este procedimento liga-se a uma desconstrução operada no campo da teoria do conhecimento, que nega às ciências que têm como objeto de estudo as sociedades humanas toda e qualquer pretensão à verdade e objetividade científicas.

O conhecimento histórico a partir de então deve ser pensado na sua transitoriedade temporal e na sua relatividade discursiva. Esta compreensão situa-se num contexto de debate pontuado por uma profunda crise das ciências sociais, que revisa noções como a de tempo histórico, discurso e representação do e sobre o passado, narrativa e linguagem do historiador. Se por um lado as referidas questões põem à prova a “validade” da história como produtora de um conhecimento do passado e, conseqüentemente, o ofício do historiador (a), fragilizando as bases da disciplina e apontando para o seu fim, por outro lado, elas são o retrato de uma autocrítica e de um processo de superação dos velhos modelos de explicação dominantes que encerravam em limites rígidos o conhecimento sobre as experiências dos indivíduos no passado.

A denominada crise da consciência histórica é produto e, também, uma consequência da depuração que a sociedade moderna vem procedendo acerca dos projetos iluministas não realizados. Apesar de toda racionalidade científica construída e acumulada desde o século XVIII e desdobrada em muitos avanços tecnológicos e alguns ganhos sociais na contemporaneidade, os sujeitos históricos se debatem sobre as suas experiências no presente, suas lutas e sobrevivências, a partir dos seus variados níveis de consciência e percepção sobre os problemas do mundo.

Esse processo de reflexão atinge indistintamente a todos os profissionais da história e àqueles comprometidos com a crítica da cultura e da modernidade. Neste sentido, a viabilidade de um método de análise para as ciências humanas que tanto seja capaz de pensar a complexidade do problema da consciência histórica, quanto também de desenvolver e instigar um pensamento mais plural, com vistas à interpretação de passados múltiplos, é de extrema necessidade. Isto significa dizer que as diversas experiências humanas que envolvem sujeitos diferentes, para além do homem universal cartesiano, devem ser consideradas, historicizadas e passíveis de interpretações, num nítido exercício de desocultamento ideológico do passado.

Neste sentido, a hermenêutica possibilita ao estudioso uma interpretação preocupada com o comportamento reflexivo diante da tradição. O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer defensor da análise hermenêutica para as ciências históricas, avalia que o senso histórico é uma atribuição da consciência moderna que se caracteriza por uma reflexividade e uma crítica sempre apta a pensar na múltipla relatividade de pontos de vista.

É o próprio Gadamer quem define a particularidade do estudioso da área de humanas: Ter senso histórico é superar de modo consequente à ingenuidade natural que nos leva a julgar o passado pelas medidas supostamente evidentes de nossa vida atual, adotando a perspectiva de nossas instituições, de nossos valores e verdades adquiridos.

A possibilidade de desenvolver ao máximo o senso histórico permite ao historiador (a) assumir uma postura de crítica em relação ao passado investigado, no momento em que se percebe inserido no seu tempo/contexto e selecionando problemas a partir do seu presente. É a percepção perspectivista de que o “passado sempre é o olhar do presente” que produz um conhecimento singular, relativo e livre da neutralidade e da verdade absoluta. O diálogo entre o presente e o passado se faz com a consciência da temporalidade e a relatividade

dos fatos e das coisas, bem como com a capacidade do indivíduo em compreender a sua inserção no tempo presente.

Atualmente na historiografia é esse o caminho que os estudos sobre as mulheres e as relações entre os gêneros vem perseguindo, o que os coloca na vanguarda de uma frente crítica do pensamento contemporâneo da desconstrução. Seyla Benhabib e Drucilla Cornel enfatizam o processo de reestruturação da tradição teórica ocidental a partir de uma perspectiva feminista. As autoras comentam sobre uma reconstrução intelectual em curso nesses últimos vinte anos que, entre outras propostas, busca investigar as experiências concretas das mulheres na cultura, na sociedade e na história e, também, indagar como a mudança de perspectiva dos pontos de vista altera a compreensão da ciência ocidental. A leitura sobre as identificações de gêneros se afirma num contexto de transformações e numa conjuntura intelectual propensa a rupturas e reavaliações de paradigmas discursivos sobre o social.

A consciência dos problemas originados nos conflitos entre homens e mulheres, é que embasa todas as formas de movimentos contestatórios e traz a possibilidade da reconstrução da subjetividade dos grupos. O direito a uma participação social ampla e a um exercício mais livre da cidadania constitui a motivação e, ao mesmo tempo, a fonte de inspiração dos estudos feministas. Não é sem empenho que muitas estudiosas e críticas da ciência vêm discutindo as possibilidades de construção e desconstrução de teorias feministas, para instrumentalizar o trabalho de pesquisa sobre outros sujeitos, que não o homem universal.

Sandra Harding, filósofa norte-americana e crítica da ciência feminista, já há algum tempo vem expondo a instabilidade das categorias analíticas da teoria feminista, procurando referências numa nova postura científica que evidencie conceitos e categorias de análises onde o ausente, o invisível e o silenciado possam está presentes. Harding propõe utilizar a instabilidade das categorias como recurso de análise.

No seu livro sobre *Ciência e Feminismo*, ela critica a epistemologia atual, examinando as tendências das críticas feministas da ciência com o objetivo de identificar as tensões e os conflitos presentes entre elas. Este movimento aproxima as perspectivas dos historiadores e dos estudiosos das ciências humanas da discussão sobre os modos de se ler, pensar e fazer a história no mundo de hoje. O grande objetivo da hermenêutica quando associada à pesquisa sobre o passado e à busca de métodos - e não de teorias fixas - que valorizem a transitoriedade do conhecimento e a historicidade das relações entre os gêneros.

Convém lembrar que os estudos sobre as experiências sociais das mulheres, homens e outras identidades de gêneros reavaliam paradigmas epistemológicos tradicionais e funcionam como contributo importante para uma nova atitude metodológica frente a relação passado - presente e propiciam um processo de elaboração do conhecimento e de crítica dos métodos das ciências humanas. Também nos permitem redefinir os processos de subjetividade, de identidade, da própria racionalidade no mundo contemporâneo, relativizando o presente.

De um modo geral, as pesquisas sobre os gêneros nos seus processos de historicidade, revelam um grande esforço de renovação teórica e têm se constituído como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências silenciadas e excluídas. São estudos que refletem cada vez mais as nossas preocupações com o presente e com o projeto de modernidade que, de modo intenso, trazem novos significados de subjetivações para determinados grupos sociais. Além da contribuição propriamente científica, o estudo de outras histórias embasa projetos políticos que visam ao resgate de variados sujeitos e atores, não mais abstratos e universais, e, conseqüentemente, das suas experiências e lutas, proporcionando assim, a construção de uma sociedade mais plural em identidades e cidadanias.

Dentro do quadro relativista do pensamento contemporâneo e das críticas às abordagens totalizantes, as análises sobre as identificações de gêneros se constituem na evidência mais perceptível de que as ciências humanas, particularmente a história, se renovam numa profunda reorientação de seus paradigmas. Longe da propalada fragmentação do real, esta escrita constrói críticas balizadas por uma concepção de história que busca problematizar condições, experiências, lugares, práticas e imagens de sujeitos em seus grupos. Em contraposição aos universalismos que enquadram as formas de organizações sociais e padronizam as culturas, legitimando sistemas de dominação de toda ordem, os novos olhares da ciência contemporânea elegem o particular, o específico e o diferente na sociedade. Daí entender a importância da interpretação hermenêutica para as abordagens ligadas à nova história cultural e o uso da categoria gênero enquanto esquema de leitura dos fenômenos sociais.

Referências:

- BENHABIB, Seyla & DRUCILLA, Cornell (orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa, Europa-América, s/d.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo, UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. "O Mundo Como Representação". In **Estudos Avançados**. São Paulo, 11(5): 173-191.
- DIAS, Maria Odila L. da Silva. "Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano". In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. RJ, Rosa dos tempos; SP, Fundação Carlos Chagas, 1992.
- GADAMER, Hans-Georg. "Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas". In Fruchon, Pierre (org.). **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro, Editora da Fund. Getúlio Vargas, 1998, pp. 17-25.
- HARDING, Sandra. "The Instability of the Analytical Categories of Feminist Theory", In **Journal of Women in Culture and Society**. Chicago / EUA (11) 4: 645-654. 1986.
- HARDING, Sandra. **Ciencia Y Feminismo**. Madrid, Ediciones Morata, 1996.
- SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel & MATOS, Maria Izilda S. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo, EDUC, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo, Cortez, 1996.
- SCOTT, Joan. "História das Mulheres" In BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.